

OLGA E O MENINO DO PIJAMA LISTRADO: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

OLGA Y O MENINO DO PIJAMA LISTRADO: RELACIONES ENTRE HISTORIA Y MEMORIA

Isabel Cristina Brettas Duarte¹

RESUMO: A narrativa biográfica da história de *Olga* (2003), de Fernando Morais, assim como a narrativa ficcional da história de *O menino do pijama listrado* (2007), de John Boyle, ao buscarem representar situações históricas determinadas ligadas ao drama do Holocausto, inserem-se na chamada Literatura da *Shoah*, que hoje desperta grande interesse histórico e literário, graças às suas condições particulares. A literatura adquire, portanto, o teor testemunhal, assumindo o papel de resgate da memória histórica. Isso porque ambas as obras têm em comum o fato de serem diferentes maneiras de testemunhar uma época histórica, um contexto ímpar de dramas e horrores que, por suas especificidades na história do ser humano, precisam recorrer à memória para se fixar no tempo e no espaço. Nesses livros, o biográfico e o ficcional se entrelaçam na denúncia de uma época obscura na história da humanidade, por meio de uma série de relações que podem ser estabelecidas entre História e memória.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto. História. Memória.

As obras *Olga* (2003), de Fernando Morais, e *O menino do pijama listrado* (2007), do irlandês John Boyne, foram escolhidas com o desiderato de estudo dos aspectos que as diferenciam e assemelham entre si, primeiramente levando em consideração suas características, respectivamente biográficas e ficcionais, bem como a forma como ambas se relacionam com a questão da História e da memória, ou seja, como estas se apresentam naquelas diferentes formas de abordagem literária.

Olga é a biografia da alemã Olga Benário Prestes, judia e comunista, entregue pelo governo Vargas para a Alemanha nazista, no final dos anos trinta, numa época histórica bastante conturbada, marcada pelos horrores do Holocausto. Olga foi a primeira mulher do líder comunista Luis Carlos Prestes. Sua família, seu primeiro namorado, suas primeiras experiências como militante da Juventude Comunista, o encontro com Prestes, a revolta comunista de 1935, a deportação para a Alemanha nazista, os anos presa em campos de concentração: para reconstruir todo o percurso de Olga, Fernando Moraes contou com o recurso da memória. Além do aparato documental, as pessoas entrevistadas em diferentes

¹ Mestre em Direito e acadêmica do 8º semestre do curso de Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santo Ângelo/RS. Mestranda em Letras e Professora no Curso de Direito da URI – Campus de Frederico Westphalen/RS. Assessora Jurídica da Prefeitura de Santo Ângelo. E-mail: isabelcristinabd@yahoo.com.br.

países e principalmente Luiz Carlos Prestes ofereceram-lhe elementos para reconstituir a vida de Olga, passos estes que são obrigatórios em se tratando de uma biografia:

Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BORDIEU, 2006, p. 190).

Já *O menino do pijama listrado* é um livro que demonstra uma das facetas da literatura, que é contar de uma maneira diferente um pedacinho da história do mundo e do ser humano com o toque da imaginação literária e suas lentes encantadas. Trata-se da história de Bruno, de nove anos. A mudança de residência, um amigo e uma cerca são decisivos para a transformação da vida deste personagem. Ao sair de sua confortável casa, deixa para trás um mundo “normal”, encontrando em sua nova casa uma cerca que mudou sua vida para sempre. A nova residência, os novos vizinhos, as proibições e segredos, as visões antagônicas do avô e da avó do garoto em relação ao pai do menino, as conversas com a irmã Gretel ouviam escondidos, são “pistas”, que, pouco a pouco, vão revelando ao leitor o que se passa, embora o menino não tenha consciência do que se passava ao seu redor.

Na verdade, o pai do protagonista ocupava um alto posto no comando nazista, razão pela qual se mudou com a família para uma casa perto do campo de concentração que passou a dirigir, num lugar isolado de tudo e de todos. Seus vizinhos são os prisioneiros do campo, entre os quais um menino com o qual Bruno travou uma forte amizade. Em cada encontro às escondidas, embora separados por uma cerca, a cada conversa, percebiam a diferença de vida entre eles, a começar pelas roupas. O garoto não entendia por que seu amigo tinha que usar sempre o mesmo pijama listrado e estava sempre com fome. Vale a pena ler a obra até o final e descobrir a razão do título: quem é o menino do pijama listrado?

Então, a partir do que foi dito até aqui, é possível perceber que as obras mencionadas guardam entre si uma série de semelhanças e diferenças. Num primeiro momento, interessante referir que *O menino do pijama listrado* faz um contraponto com *Olga* em termos de formas de expor a História. O contexto histórico é o mesmo, a realidade dos campos de concentração nazistas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, enquanto *Olga* revela explicitamente toda a violência do nazismo, *O menino do pijama listrado* a apresenta sutilmente, pois em suas “ingênuas” palavras, permite que se façam construções mentais

Revista Literatura em Debate, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 49-62, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 6 nov.

muito mais chocantes do que se as palavras do texto descrevessem com riqueza de detalhes todo o horror representado por aquela época.

Mesmo *Olga* sendo uma obra biográfica e *O menino do pijama listrado* uma obra ficcional, pode-se dizer que o choque provocado pela parcimônica de descrições de ambientes e situações impactantes é quase maior do que o choque provocado pela realidade de *Olga*. Isso porque o quadro mental que se forma no leitor pode abranger uma série de construções a partir do não-dito, diferentemente do que se passa em *Olga*, em que os ambientes e situações estão restringidos pela biografia e sua pretensa fidelidade ao que aconteceu, limitando, de certa forma, as construções mentais do leitor.

O menino do pijama listrado é uma obra que sai do padrão tradicional, exige conhecimento de mundo e abre para duas visões antagônicas; a mescla de imaginação e realidade. Por não trazer informações explícitas, a riqueza da leitura se torna mais envolvente, pois na sua sutileza, a obra permite ao leitor fazer associações aos seus conhecimentos individuais. Dessa forma, há maior espaço para a interação entre livro e leitor em *O menino do pijama listrado*, pois a linguagem singela remete à individualidade de cada leitor, ao seu conhecimento de mundo. Já em *Olga*, há uma pré-elaboração dessa imaginação, graças à linguagem explícita e contundente, que torna sua história, paradoxalmente, singular, mas também semelhante à de tantas outras vítimas do nazismo.

Em *Olga*, não há tanto espaço para o leitor completar o texto, mas em *O menino do pijama listrado*, estamos diante do que se denominou obra aberta. Os textos, cada vez mais modernos, são também cada vez mais indeterminados, de forma que o leitor tem que dar de si para completar o texto. Além disso, contribui para essa desfamiliarização e também para a identificação entre obra e leitor o fato de que Bruno tem 9 anos, portanto, não tendo a percepção nem a dimensão do que se passava ao seu redor, enquanto Olga é uma mulher adulta, consciente de todo o horror que estava vivendo. O mundo de uma criança é mais convidativo do que o mundo de um adulto, de sorte que é mais fácil mergulhar no mundo de Bruno e seus aportes pueris ficcionais do que no mundo de Olga e seus aportes racionais e verídicos – embora todas as limitações de um conceito de veracidade no âmbito da biografia.

Por mais que várias outras obras já foram escritas sobre o tema em questão, o arranjo narrativo e a arquitetura ficcional particular é que têm o condão de abrir o horizonte de expectativas do leitor em *O menino do pijama listrado*. Coube à Literatura – mais uma vez – inovar o olhar sobre um evento histórico: não se trata do olhar do opressor nem do oprimido, mas o de uma criança. A força da narrativa revela o horror do Holocausto. A cerca com que

Bruno se deparou foi a mesma que aprisionou Olga: mais que uma cerca de arame farpado, trata-se da cerca da intolerância, da brutalidade, da irracionalidade humana. Uma cerca cuja firmeza, embora assuste, não significa que não possa ser derrubada. Não foram derrubadas por Olga nem por Bruno, mas foram derrubadas – pelo menos as dos campos de concentração. Há muitas outras cercas a serem derrubadas, igualmente cruéis e desumanas, e nesse sentido, ambas as obras prestam uma contribuição à análise e reflexão do que passou, para que não se repita na história da humanidade.

Em *O menino do pijama listrado*, um final surpreendente e uma reviravolta inesperada fazem com que destinos que iriam seguir caminhos diferentes acabem selados num só; o tirano se torna vítima de sua própria tirania – o que, paradoxalmente, não se apresenta como justo, dadas as circunstâncias em que a ingenuidade sucumbe à atrocidade. Bruno foi uma vítima diferente, que sucumbiu por um capricho do destino, contrariando qualquer vaticínio previsível, como seria o vaticinar sobre o seu amigo do pijama listrado. Olga tinha todas as características que a fizeram vítima do sistema, enquanto que Bruno tinha todos os atributos para ser protegido pelo sistema. A intervenção literária inverteu a ordem lógica, o que configura o ponto-alto do romance de John Boyne. Contrastando com essa ficcionalidade, sabemos da veracidade da morte de Olga numa câmara de gás no ano de 1942, embora não haja certeza sobre a data correta, sendo o mais provável que tenha sido na Páscoa.

Feitas essas considerações preliminares, partimos para a análise das relações entre história e memória. Principalmente a partir da apresentação de *Olga*, fica claro que mesmo conhecendo o contexto histórico e o aparato documental, seria impossível fazer a biografia de Olga sem o testemunho das pessoas que conviveram com ela. Porém, a maioria dessas pessoas estava morta, e as sobreviventes eram no mínimo octogenárias, razão pela qual Fernando Morais comenta, já no início das investigações para escrever o livro, que logo percebeu as dificuldades que teria ao recompor o retrato de Olga, em razão das condições da memória ou mesmo de saúde dessas pessoas que teriam que “desenterrar detalhes de episódios acontecidos meio século antes” (MORAIS, 2003, p. 9).

Então, para conferir credibilidade à obra, menciona elementos ao longo da apresentação, a seguir referidos, os quais têm o condão de corroborar o pacto proposto ao leitor, nos termos expostos por Lejeune, pois o autor é o único sinal no texto de uma realidade extratextual inquestionável, que envia a uma pessoa real, a qual exige que lhe atribua a responsabilidade da anunciação de todo o texto escrito.

Há diferentes pactos de leituras propostos por diferentes tipos de textos, assim como há diferentes tipos de leitura a que esses textos são submetidos, de modo que o contrato resultante é dotado de credibilidade, na medida em que o leitor o aceita, tendo certeza da existência de um autor concreto. É esse contrato aceito mediante uma convenção social que determina a atitude do leitor frente ao texto; no caso da biografia *Olga*, o autor propôs ao leitor um pacto que parte de elementos da realidade, mas que nem por isso fecha a possibilidade de ser uma realidade transnudada pela ficção e pela imaginação, como se pode perceber pela apresentação da obra.

Aceito o pacto, o contrato é dotado de credibilidade, de forma que no presente trabalho, parte-se do pressuposto de aceitação do pacto proposto por Fernando Moraes, do qual resulta seu caráter de credibilidade. Em várias oportunidades, Fernando Moraes expõe os motivos pelos quais o leitor deve aceitar o pacto nos termos propostos: “dono de prodigiosa memória, Prestes foi capaz de reviver com precisão a hora de um embarque ou as exatas palavras de um diálogo ocorrido há cinqüenta anos. Foram poucos os casos de informações dadas por ele que, verificadas em processos e documentos oficiais, resultaram incorretas” (MORAIS, 2003, p. 10).

Também refere que “durante os anos que passou em *Barnimstrasse, Lichtenburg e Ravensbrück*, Olga contou com pormenores às companheiras de prisão sua experiência brasileira: a paixão por Prestes, o deslumbramento com o Brasil, a expectativa seguida da frustração com a revolta fracassada, a emoção que lhe provocara a solidariedade dos companheiros no presídio da rua Frei Caneca, no Rio” (MORAIS, 2003, p. 11).

Como se pode perceber, a apresentação é bastante reveladora da forma como foi reconstruída a memória de Olga por seu biógrafo, Fernando Moraes, que, entre outras coisas, menciona sua viagem à Alemanha em busca de arquivos e testemunhos; também as circunstâncias em que os depoimentos foram tomados, como buscou correspondências, fotos e documentos oficiais. Enfim, ao explicitar a maneira como investigou o passado de Olga, afirma sua intenção de ser o mais fidedigno possível com o que descobriu, e de certa forma, com o que se pode chamar “realidade”.

Dessa forma, Fernando Moraes faz questão de ressaltar seu cuidado com a maior precisão possível de informações, como se pode perceber nas seguintes passagens:

Minha conta de telefone engordava com interurbanos dados a vários pontos do país para reconfirmar datas e dados ou mesmo para buscar as exatas palavras usadas num determinado diálogo [...] para enriquecer a verdadeira arqueologia em que me meti para reconstituir com a maior fidelidade possível essa história de amor e de

intolerância. [...] As raras passagens deste livro em que foi necessária a recriação, referem-se sempre a cenários de determinados fatos – nunca a fatos em si. E, ainda assim, a recriação se deu a partir de depoimentos de testemunhas (MORAIS, 2003, p. 13-14).

Ainda, quando refere que

Não vai impressa aqui uma só informação que não tenha sido submetida ao crivo possível da confirmação. Qualquer incorreção que for localizada ao longo desta história, entretanto, deve ser debitada exclusivamente à minha impossibilidade de confrontá-la com versões diferentes. E certamente haverá incorreções, até porque eu próprio cheguei a iniciar investigações a partir de versões aparentemente verdadeiras, mas que depois seriam desmentidas por novas pesquisas ou entrevistas. [...] E houve ainda situações em que, colocado diante de versões contraditórias sobre determinado episódio, fui levado por investigações e evidências a optar por uma delas (MORAIS, 2003, p. 14).

Nos trechos anteriormente referidos, é possível perceber os esforços do biógrafo em sua investigação e na trabalhosa tarefa de reconstituir o passado da biografada. Nesse sentido, a colocação de José Castello ao tratar desse esforço dos biógrafos em geral:

Ao biógrafo cabe encontrar elos onde não existe elo algum; chegar a conclusões onde nada se conclui, encontrar continuidades onde tudo se perde num grande colapso, tendo a função de clarear e ordenar a vida do biografado de forma coerente, de acordo com a verdade documental, a fala dos depoimentos, correspondências, documentos judiciais, laudos médicos, anotações secretas... Por essas razões, por maiores que forem os esforços do biógrafo, por mais bem feitas que sejam as suas investigações, ainda assim, resultaria em uma ficção, que ocuparia o lugar da verdade. Por exemplo, em razão das interpretações dadas aos fatos ou da ação corrosiva do inconsciente.²

Morais afirma: “esse livro não é a ‘minha versão’ sobre a vida de Olga Benário ou sobre a revolta comunista de 1935, mas ‘aquela que acredito ser a versão real’ desses episódios” (2003, p. 13). Mas sua sinceridade em fazer tal afirmação não a exime de uma análise sobre como esse real é construído em uma biografia a partir da História e da memória. Afirmava Walter Benjamin que “a história transforma a imagem do passado em coisa sua” (BENJAMIN, 1994, p. 223), trabalho este de que se ocupa a memória, cuja “propriedade de conservar certas informações nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

² Referiu também que “os biógrafos costumam se ver como praticantes de um gênero muito mais próximo da História do que da Literatura, alertando, no entanto, que enquanto escreve, o biógrafo está a compor - ainda que não queira ou não admita isso – um relato literário” (CASTELLO, José. **Carta a um jovem biógrafo**. p. 53). *Revista Literatura em Debate*, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 49-62, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 6 nov.

Assim, é inegável a dialética entre memória e História, na medida em que se caracterizam por serem duas modalidades de relação com o passado: não existe uma História neutra; nela a memória, enquanto uma categoria abertamente mais efetiva de relacionamento com o passado, intervém e determina em boa parte os seus caminhos (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 66-67). Nesse sentido, a memória aparece enquanto baliza capaz de resgatar fatos e lembranças passadas, centrando nos artificios da linguagem, nas modulações de um pensamento que (re)elabora passado, dando novos sentidos ao ato de rememorar, como referiu Ecléa Bosi: “memória não é sonho, é trabalho, pois lembrar não é reviver, mas reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 194).

Maurice Halbwachs, quando evoca o depoimento da testemunha enquanto rememoração pessoal, afirma que tal depoimento só tem sentido em relação a um grupo do qual a testemunha faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual o grupo transitou: “o eu e sua duração se localizam no ponto de encontro de duas séries diferentes e às vezes divergentes: a que se liga aos aspectos vivos e materiais da lembrança, a que se reconstrói o que é apenas passado” (2006, p. 12). Dessa forma, a memória individual existente está enraizada em diferentes contextos, os quais fazem a lembrança aflorar de diferentes maneiras.

Como afirma Halbwachs, recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós (2006, p. 29). Provavelmente, na busca de Fernando Morais, esses objetivos estavam presentes e, certamente, ele se deparou com dificuldades impostas pelo lapso temporal e também pelos mistérios da memória, pois, como afirmou Benjamin, “o passado traz consigo um índice misterioso” (1994, p. 223).

A forma como a imagem se transforma em lembrança é um dos mistérios da memória. Esse é o alerta de Halbwachs, no sentido de que o fator tempo pode fazer com que se modifiquem as impressões guardadas de um fato antigo ou de uma pessoa outrora conhecida: “essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito talvez seja uma expressão mais exata do fato – a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias” (2006, p. 32). Nesse sentido, “tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BORDIEU, 2006, p. 185), pois “não existe a possibilidade de uma tradução

total do passado; esse era justamente o credo do historicismo e do positivismo” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 64).

José Castello, quando falava da biografia considerada por ele “clássica”, isto é, que pretende esgotar a vida de alguém, quase que como a ‘ressuscitar seu morto’, afirmou que “a biografia, oscilando entre a História e a Literatura, é um gênero caprichoso, exigente, cheio de armadilhas”.³ Referiu também que recuperar e reconstituir todos os fatos da vida do biografado é uma hipótese fantasiosa, pois ainda assim, haveria incompletude e contradições, limites e obstáculos, nebulosidades e paradoxos, e além disso, inexoravelmente, perder-se-iam pensamentos, sentimentos, emoções, memórias, conflitos internos, segredos, coisas impensáveis.

As pessoas entrevistadas por Fernando Moraes foram, entre outros, colegas de prisão de Olga, companheiros de militância, que de certa forma inscrevem a vida de Olga no contexto de grupos maiores como, por exemplo, de judeus e comunistas. Isso é interessante de ser observado quando se pensa nos dois tipos de memória de que uma pessoa pode participar, tema este de que se ocupou Halbswachs:

por um lado, as lembranças de uma pessoa teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal. Por outro lado, em certos momentos, ela seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Essas duas memórias se interpenetram com frequência. A memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas (2006, p. 71).

Isso porque a lembrança é uma reconstrução do passado, cuja imagem de outrora já saiu bastante alterada, pois “muitas de nossas lembranças remontam a períodos em que, por falta de maturidade, experiência ou de atenção, o sentido de mais de um fato, a natureza de mais um objeto ou de uma pessoa meio que nos escapavam” (HALBSWACHS, 2006, p. 95). Embora o passado permaneça na memória, certos obstáculos, inclusive o comportamento do cérebro, impedem que seja possível evocar todas as suas partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão na parte inconsciente do nosso espírito (HALBSWACHS, 2006, p. 97).

³ CASTELLO, José. *Carta a um jovem biógrafo*. p. 51. Talvez por isso Levi tenha afirmado que “a biografia constitui, na verdade, o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 167-200, p. 168).

Revista Literatura em Debate, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 49-62, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 6 nov.

Nessa tarefa, não é possível reunir em um único painel a totalidade dos eventos passados, a não ser tirando-o da memória dos grupos que guardavam sua lembrança, cortar as amarras pelas quais eles participavam da vida psicológica dos ambientes sociais em que ocorreram, deles não retendo somente o esquema cronológico e espacial. Não se trata mais de revivê-los em sua realidade, mas de recolocá-los nos contextos em que a história dispõe os acontecimentos, contextos esses que permanecem exteriores aos grupos, e defini-los cotejando uns com os outros (Idem, p. 106-107).

O contexto histórico também assume importância, tanto em nível nacional quanto em nível mundial, na medida em que os regimes totalitários e o Holocausto foram páginas sangrentas escritas na História justamente nessa época em que se insere a vida de Olga. Nesse sentido, Fernando Morais refere que “para introduzir-me por inteiro na época em que esta história se passa, recorri à extensa bibliografia que vai ao final deste volume” (2003, p. 14).

A biografia de Olga é um jeito de preservar não somente sua história, mas também a memória de diversos acontecimentos históricos ocorridos no Brasil e no mundo. Não é o resgate apenas de lembranças individuais, mas de toda uma época. De certa forma, também é uma maneira de dar voz a pessoas cuja existência está presente nos relatos de Olga, pessoas que, por vários motivos, não tiveram biografias que recuperassem suas trágicas histórias pessoais, a exemplo das tantas companheiras de Olga nas prisões. Assim, um meio de preservar essas lembranças é fixá-las em uma narrativa, pois “os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Então, a reconstituição do contexto histórico e social também é importante no sentido de explicar o desenrolar de certos acontecimentos, formando o retrato de uma época – a do Holocausto – e de um povo – o judeu, entre outros passíveis de representação. O contexto também serve para “preencher as lacunas por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com o personagem estudado” (LEVI, 2006, p. 176).

Na biografia, colocando-se numa escala, é grande o nível de compromisso de veracidade, na medida em que envolve um domínio público, diferentemente, por exemplo, da autobiografia, cujo caráter privado lhe confere o poder de ficcionalizar, e, portanto, diminuir esse compromisso de veracidade. No caso de “Olga”, por exemplo, não se pode negar a existência da Revolta Comunista de 1935 nem do Holocausto, mas não se pode afirmar que não houve nenhum tipo de ficcionalização ou omissão nos depoimentos das pessoas que conviveram com Olga e por ela nutriam laços afetivos, como Gabor Lewin, que dificilmente

falaria, por assim dizer, de algum lado sombrio “do grande amor da sua vida” (MORAIS, 2003, p. 10), ou do próprio Luiz Carlos Prestes, com quem Olga teve um romance digno das telas do cinema.

O que chamamos História é também uma percepção da memória: a memória própria de quem viveu ou observou o que aconteceu, o testemunho de outros, registros e documentos, pois “a História nunca é aquilo que aconteceu mas aquilo que permite significar o que aconteceu. E, tal como o discurso literário, o discurso histórico é uma representação semântica ‘retocada’ porque, como qualquer representação, implica uma perspectiva autorial, uma seleção de fatos e uma ideologia” (MACEDO, 1999, p. 38).

Assim, tudo o que foi escrito sobre o Holocausto é, entre outros motivos, uma forma de resgatar momentos históricos que precisam ser narrados para que não se perca sua memória, processo esse normal quando se tratam de “eventos marcantes que deixaram rastros indelévels nos narradores e que envolvem toda uma sociedade na qual esses eventos tiveram lugar e, em alguns casos, envolvem a própria humanidade como um todo” (OLMI, 2006, p. 39). Isso é o que se pode perceber nas narrativas dos dramas do Holocausto, sejam elas biográficas, como *Olga*, seja elas ficcionais, como *O menino do pijama listrado*.

Aqui cabe uma reflexão sobre o significado da representação total do passado nazista no contexto de uma biografia, pois há uma diferença entre o passado e sua atualização; entre uma (re)inscrição do passado e seu texto ‘original’, pois toda tentativa de lidar com o passado lida com uma escritura do passado, a qual é uma (re)inscrição penosa e nunca total. Disso se pode depreender que a realidade não pode ser totalmente recoberta pela memória (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 59-88), pois não há como haver uma apropriação integral do passado, até mesmo porque a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Nesse ínterim, em se tratando do Holocausto, histórias como a de Olga e de Bruno, estejam elas na forma de biográfica ou ficcional, pertencem a um todo maior, inscrevendo-se no âmbito da História e representando parcelas que compõe aquele todo. Mesmo entre tantas características que diferenciam a biografia de uma obra ficcional quando de uma forma ou outra retratam o Holocausto, ambas têm em comum o fato de serem diferentes maneiras de testemunhar uma época histórica, um contexto ímpar que por certas especificidades precisa recorrer à memória para se fixar no tempo e no espaço. Nesse sentido é possível afirmar:

as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes. Utilizam-se os dados biográficos para fins prosopográficos; o estilo pessoal reflete o estilo próprio de uma época ou de uma classe, sendo o estilo pessoal um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe. Nesse caso, a biografia não seria a de uma pessoa singular, mas sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo (LEVI, 2006, p. 175).

Por isso, essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico, tendo-se em geral conseguido manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo. Pode-se alegar, no entanto, que o contexto serve de pano de fundo para explicar a biografia, pois as trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto (Idem, p. 176).

Mais do que uma cicatrização da ferida ou de um esquecimento, *Olga*, enquanto biografia, e *O menino do pijama listrado*, enquanto ficção, são diferentes formas literárias de resgatar a memória de um sem número de “alguéns” que não sobreviveram ao Holocausto, de torná-la viva para a posteridade, de fazer com que a memória individual que tinha tudo para ser perdida, inscreva-se no âmbito da História, como já dito, fixando-a no tempo e no espaço. Como afirmado por Benjamin, “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Conforme Olmi, o *phatos* da memória deve servir para reconstruir essa experiência para aqueles que sequer a conhecem, especialmente os jovens que duvidam dessa realidade histórica, servindo também no sentido de descrever o indescritível, para que todos interroguem suas consciências (2006, p. 42-43). E também é uma forma de aprender com os erros do passado para que não sejam repetidos na história da humanidade, pois “o grande trabalho de preservação da memória do acontecido e dos sofrimentos cabe aos que procuram, através da análise e reavaliação dos dados, tornar constante a sua presença na consciência da humanidade” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 189).

Em se tratando de uma biografia, uma vida individual toma outras proporções quando biografada e inserida na dimensão coletiva como experiência histórica, apontando para o porvir:

A atividade biográfica, entendida como conjuração de fantasmas, é aquela que leva em conta o trabalho desempenhado pelos mesmos, isto é, sua potência de

transformação. Biografar deixa, portanto, de ser um registro do passado, para voltar-se para o futuro. Tanto o que doa quanto o que recebe a herança (do conhecimento e do poder daí resultante) fazem parte da construção do porvir (CARDOSO, 2002, p. 136).

Por fim, tanto *Olga* quanto *O menino do pijama listrado* são histórias que, apesar das peculiaridades de cada uma, enquadram-se na chamada memória da *Shoah* (catástrofe, em hebraico), a qual – assim como a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à ficção. A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à musealização do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer apresentar, expor o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 50). No campo da *Shoah*, a própria existência de debates intensos e emocionalmente carregados dá mostras da impossibilidade de se separar História e memória (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 70).

O menino do pijama listrado consegue fazer um registro que atende à “necessidade do registro ficcional” de que tratava Seligmann mesmo no caso de um testemunho autobiográfico, quando da apresentação dos eventos no campo de concentração: “apenas a passagem pela imaginação poderia dar conta daquilo que escapa ao conceito” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 380), de forma que “a questão não está na existência ou não da ‘realidade’, mas na nossa capacidade de percebê-las ou de simbolizá-la” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 50)⁴. Trata-se de uma tentativa, digamos assim, de traduzir algo não visto, mas sentido e imaginado de forma igualmente válida, apesar da insuficiência da linguagem diante dos fatos e do caráter inimaginável e inenarrável dos mesmos, quando se trata, por exemplo, dos horrores do Holocausto (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46).

Como se pode perceber, há em *O menino do pijama listrado* um certo comprometimento com o “real”, no sentido de que a construção da história relaciona-se com um passado histórico, assumindo com ele um “compromisso ético” (Idem, p. 382). Assim como na literatura de testemunho de que tratava Seligmann, não há uma imitação da realidade, mas sim uma espécie de “manifestação do real”. Por isso, afirma que o trauma – uma ferida que não se fecha - é a categoria essencial para a compreensão dessa modalidade de real.

⁴ Para Seligmann, “aquilo que transcende a verossimilhança exige uma reformulação artística para a sua transmissão. Mas a imaginação não deve ser confundida com a imagem: o que consta é a capacidade de criar imagens, comparações e sobretudo evocar o que não pode ser diretamente apresentado e muito menos representado” (p. 380).

Raymond Queneau, certa feita, disse que “houve épocas em que se podia narrar a vida de um homem abstraindo-se de qualquer fato histórico, e também houve épocas em que era possível relatar um fato histórico abstraindo-se de qualquer destino individual” (LEVI, 2006, p. 167). Porém, conforme demonstrado, esse não é o caso de *Olga*, em que sua vida está indissociavelmente atrelada aos fatos históricos da época em que viveu, sendo um exemplo do que seja a dimensão coletiva da experiência histórica. Porém, também de que outra coisa completamente distinta é a dimensão dos destinos individuais: uma vida individual pode refletir uma significação histórica geral, sendo que as relações de História e memória se tornam mais perceptíveis no âmbito da biografia, ou mesmo de uma história ficcional, pois, como é possível perceber também em *O menino do pijama listrado*, não há como haver a compreensão sem o conhecimento do contexto histórico.

Portanto, as diversas formas que se pode abordar a questão da História e da memória em *Olga* e *O menino do pijama listrado* são um exemplo da riqueza do tema, bem como os pontos de convergência em se tratando de biografia e ficção no âmbito da Literatura da *Shoah*. Portanto, *Olga* é um exemplo, por assim dizer, de um passado que se faz presente por meio dos artifícios da memória trabalhados a partir de uma história individual no âmbito da biografia, mas que se inscreve na História em razão das idiossincrasias da obra. Da mesma forma, *O menino do pijama listrado* é um exemplo de uma história ficcional que traz em seu bojo um contexto histórico que igualmente se relaciona com a questão da memória. Assim, há uma riqueza de possibilidades de explorar essas relações, sendo que as obras sobre as quais recaiu a análise no presente artigo são apenas um exemplo.

RESUMEN: El relato biográfico de la historia de *Olga* y la ficcionalización de *El niño con el pijama de rayas*, por representar a determinadas situaciones históricas relacionadas con el drama del Holocausto, son parte de la llamada literatura de la *Shoah*, que hoy despierta gran interés histórico y literario, gracias a sus condiciones particulares. La Literatura asume un carácter de testigo y de recuperación de la memoria histórica. Eso porque las obras tienen en común que son maneras diferentes de tratar un momento histórico, un contexto único de los dramas y los horrores que, por sus especificidades en la historia de ser humano, necesitan recurrir a la memoria para que se queden en el tiempo y en el espacio. En estas obras, la biografía y la ficción se entrelazan en la denuncia de una era oscura en la historia de la humanidad, por medio de diversas relaciones que se puede establecer entre la Historia y la memoria.

PALABRAS CLAVE: Holocausto. Historia. Memória.

Referências bibliográficas

Revista Literatura em Debate, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 49-62, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 6 nov.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v. 1).

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. Trad. Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARDOSO, Marília Rothier. Retorno à biografia. In: _____. *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

CASTELLO, José. Carta a um jovem biógrafo. **VOX**, p. 51-55.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACEDO, Helder. As telas da memória. In: CARVALHAL, Tânia; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLMI, Alba. Memória, memorialismo, testemunho e trauma. In: *Dimensões e perspectivas da literatura memorialística*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 39-54.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.